

DEUS

NO BANCO DOS RÉUS

CULPADO OU
INOCENTE?

JOSÉ PEREIRA

2ª edição
ATUALIZADA

JOSÉ PEREIRA

DEUS

NO BANCO DOS RÉUS

CULPADO OU
INOCENTE?

SCOR
Editora
TECCI

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor,
proprietário do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, José
Deus no banco dos réus-culpado ou inocente? /
José Pereira -- São Paulo : Scortecci, 2006.

ISBN 85-366-0693-2

1. Bem e mal 2. Deus - Amor 3. Deus - Justiça
4. Deus - Vontade 5. Pecado 6. Teodicéia
I. Título.

06-5752

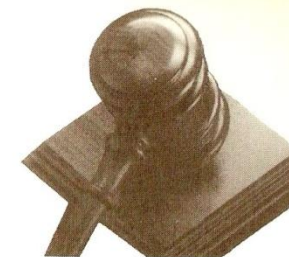
CDD-231.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Deus : Justiça e bondade : Religião cristã
231.8
2. Deus e a existência do bem e do mal :
Religião cristã 231.8
3. Teodicéia : Religião cristã 231.8

Grupo Editorial Scortecci

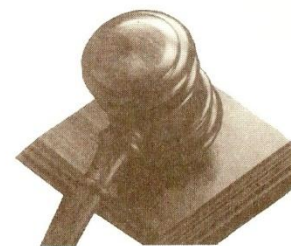
Scortecci Editora
Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970
Telefax: (11) 3032-1179 e 3032-6501
www.scortecci.com.br
editora@scortecci.com.br
Livraria e Loja Virtual Asabeça
www.asabeça.com.br



SUMÁRIO

Introdução	9
Fazendo parte do processo	10
O começo	11
Capítulo 1 – A pergunta que não quer calar	15
Como tudo começou?	18
Onde mesmo surgiu o pecado?	21
Quem está por trás de tudo?	24
Uma questão de natureza	27
Livres, não programados	28
Involuntariamente doentes	30
Capítulo 2 – Pecado, uma dívida humanamente impagável ..	33
Tratamento justo	38
Revelações preliminares	43
Capítulo 3 – Demora ou uma questão de justiça?	45
Direitos cerceados	47
Capítulo 4 – Governo itinerante	55
Tribunal de justiça no deserto	58
Uma réplica, não o original	61

O julgamento do mérito	69
Capítulo 5 – Deus no banco dos réus	75
Mistério versus mistério	75
O mistério da piedade	77
Jesus, o carpinteiro	77
Lições da vida de carpinteiro	79
O lado frágil de um homem forte	81
O julgamento de Deus	85
O verdadeiro motivo da condenação	89
O preço pago por Jesus	90
O preço de ser justo	92
Capítulo 6 – Perdão incondicional	95
Anistia para todos	99
Vivendo o que ensinou	100
Interceptando uma ação iminente	101
Capítulo 7 – Recomeçando do zero	107
Formas de pagamento	112
O paradoxo da cruz	121
Recomeçando do zero	122
Capítulo 8 – Reversão de ônus	127
Enfrentando o julgamento sem medo	132
Julgando o mérito	136
Reintegração de posse	141
A prisão do esbulhador	144
Os passos finais do processo	145
Direito de defesa	152
Enfim, o universo livre do mal	155
Apelo	156



INTRODUÇÃO

Um dia, fui levar minha filha para fazer provas de vestibular. Ela estava tentando uma vaga para o curso de Medicina em uma Universidade Federal. Quando chegamos às imediações do local onde as provas seriam realizadas, fiquei assustado com a quantidade de pessoas que naquele Concurso Seletivo disputavam uma vaga na Universidade. Olhando aquele mar de gente, composto em sua totalidade de jovens entre 17 e 25 anos, e sabendo que apenas dez por cento deles teriam chance de entrar para a Universidade, pensei comigo mesmo: Todos estão disputando um lugar ao sol, e isso é injusto; deveria haver vaga para todos! E continuando em meus pensamentos, não pude escapar da insistente pergunta: Por que tem de ser assim? Ali, quase estático de pena da minha filha, por saber que para alcançar seu objetivo teria de superar dezenas de concorrentes, pensei, talvez pela milésima vez, que de fato para algumas pessoas a vida parece ser injusta!

Entretanto, pode ser que o Campus de uma Universidade, em um dia de vestibular, não seja o melhor lugar e nem o melhor momento para se fazer uma avaliação no sentido de analisar se a vida é ou não injusta. Acredito que nas filas do Serviço Social e nos hospitais públicos, essa avaliação seria bem mais real, embora seja também bem mais revoltante. Ali encontramos milhares de pessoas, sendo a maioria crianças e idosos, expostos ao sol, à chuva, ao frio, ao calor e a todos os tipos de desconfortos, tentando conseguir uma guia, uma consulta, ou mesmo uma vaga para uma internação. E muitos não conseguem, e acabam

morrendo no corredor.

E quando ouvimos estatísticas sobre a fome no mundo? Chega a ser deprimente. São milhares de crianças morrendo por falta de comida. Segundo Jean Ziegler, que agora, enquanto este livro está sendo escrito, é o representante especial das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, a cada sete segundos uma criança com menos de dez anos morre de fome em algum lugar do mundo. Isso significa que enquanto você leu os dois parágrafos anteriores, cerca de 16 crianças morreram de fome. É um quadro estarrecedor. Disse ainda Ziegler: “Uma criança que morre de fome é assassinada por ordem mundial”¹. Que mundo é esse, não?

O que essas crianças fizeram para sofrer tanto e morrer de forma tão indigna e tão desumana? Por que, afinal, vieram ao mundo? Somente para sofrer? Será que não há ninguém nesse imenso Universo que seja responsável por essa situação? Seria tudo isso apenas obra do acaso? Ou do descaso? Se do descaso, descaso por parte de quem? Não tem o Universo um dirigente? Se tem, quem é? Não é Deus? Então, o que está fazendo diante desses descabros? Será que perdeu o controle? Ou abandonou esse mundo, deixando-o à mercê de sua própria sorte?

Fazendo parte do processo

Se você fosse convidado para fazer parte de um júri que tivesse como finalidade julgar os atos de Deus e emitir um parecer, qual seria sua reação? Se tivesse a opção de aceitar ou não, você aceitaria o convite? Se aceitasse, já tem idéia de qual seria o seu parecer? Você inocentaria Deus ou O condenaria? Com que base você O condenaria ou O inocentaria? É Ele o responsável pela existência do mal? Quais as provas que poderiam lhe convencer a condenar ou inocentar Deus? Você acha que Deus é responsável pelo sofrimento humano? Se sim, isso O faria culpado?

¹ Relatório Apresentado na ONU em 15.10.2003

O certo é que, aceitando ou não, consciente ou inconsciente, só pelo fato de existir, você já faz parte do maior corpo de jurados do Universo. Pois consciente ou inconsciente, todas as pessoas que já pisaram este solo, bem como as que estão pisando e as que ainda o pisarão, de certa forma agem como se fossem partes integrantes de um grande júri popular, uma vez que acabam chamando para si, talvez inconscientemente, uma grande responsabilidade: Julgar os atos de Deus. Quem é que em algum momento já não culpou a Deus pelas coisas ruins que acontecem no mundo?

Para mim, o grande problema, porém, não é julgar os atos de Deus! É que, na maioria das vezes, O culpamos ou O responsabilizamos, sem ao menos conhecermos os detalhes do processo.

Diante dessa realidade, seria bom saber que se você fosse escolhido para compor um júri em um tribunal de justiça terreno, quer dizer, a justiça dos homens, provavelmente a primeira coisa que lhe pediriam é que não tivesse nenhuma idéia preconcebida sobre o caso em julgamento.

Pediriam, também, que mantivesse a mente aberta e que agisse com justiça, tirando suas conclusões com base na relevância dos fatos, e não em caprichos pessoais ou preconceitos; porque é responsabilidade dos jurados chegar ao veredicto final. No caso em questão, quando Deus é quem está sob julgamento, quais os fatos que poderiam ser levados em consideração para uma possível decisão final?

O começo

Como tudo nesse mundo tem um começo, ou pelo menos quase tudo, o mal não foge a essa regra. Ou seja, o mal também teve o seu início. E, até onde nos é possível saber, foi assim que o mal se originou:

“Tu eras querubim da guarda unguido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. *Perfeito* eras nos

teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti.”²

Costumo dizer que com esse episódio descrito acima, a rebelião de um dos anjos, abriu-se um grande parêntese no plano original de Deus. Uma de Suas criaturas, um anjo chamado Lúcifer, criado perfeito, assistente direto do trono da Divindade, é o responsável principal pela abertura do tal parêntese. Como resultado dessa atitude inconseqüente, Lúcifer, que por uma escolha individual e isenta de qualquer influência se tornou Diabo, acabou sendo expulso do Céu.

“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos”.³

Com a expulsão de Lúcifer a paz voltou a reinar no Céu. Porém, no âmbito terreno deflagrou-se uma guerra milenar e de proporções cósmicas, sendo a Terra o principal campo de batalha e os seres humanos seus coadjuvantes. Nessa batalha, todos, sem uma única exceção, estão envolvidos. Tanto é assim, que a advertência aos habitantes desse grande planeta azul veio nas seguintes palavras:

“Ai da Terra e do mar, pois o Diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.”⁴

O fato de ter sido expulso do Céu, não gerou nenhuma mudança no caráter do anjo rebelde, pelo menos para melhor. Se de fato houve alguma mudança, certamente foi para pior; pois, segundo entendo, com a expulsão de Satanás do Céu sua ira contra Deus acentuou-se ainda mais, o que o levou a estabelecer aqui na Terra o seu “Quartel General”,

² Ezequiel, 28: 14, 15

³ Apocalipse 12: 9

⁴ Apocalipse 12: 12

de onde comanda as forças do mal em uma guerra sem tréguas, na qual todos os seres humanos são vítimas.

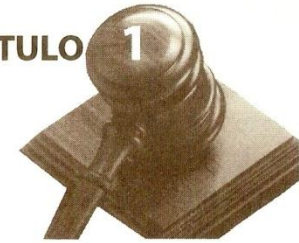
Não obstante, assim como um dia foi aberto um parêntese no plano original de Deus, mais dia ou menos dia e ele será fechado. Assim como um dia o mal teve o seu começo, um dia ele terá o seu fim. Assim como um dia deflagrou-se uma guerra na Terra, um dia a paz voltará a reinar.

Esse livro, DEUS NO BANCO DOS RÉUS – CULPADO OU INOCENTE?, considera como e porquê o parêntese foi aberto, o que acontece dentro dele, e analisa os passos do *processo* mediante o qual o parêntese será definitiva e eternamente fechado. Mesmo porque, e para o nosso conforto, podemos saber antecipadamente qual o resultado final do julgamento de Deus. É como se o julgamento estivesse roteirizado, e nossa parte fosse apenas a de conferir, como se fôssemos apenas os revisores do processo.

Portanto, ao ler esse livro, faça-o com a mente aberta e sem idéias preconcebidas, para que possa tirar o melhor proveito do seu conteúdo.

Uma boa leitura!

CAPÍTULO 1



A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR

Embora já faça parte da história, ainda é forte a lembrança das tragédias causadas pelas inesquecíveis ondas gigantes, chamadas Tsunâmis.

As Tsunâmis, às quais eu me refiro, também conhecidas como ondas gigantes, foram conseqüências de um terremoto que sacudiu a terra bem no fundo do mar. Pelo fato do epicentro do tremor ter ocorrido no fundo do mar, não se trata de um terremoto, e sim de um maremoto.

Foi no dia 26 de dezembro de 2004, portanto, um dia após o Natal daquele ano, que milhares de pessoas foram surpreendidas pelas enfurecidas ondas, as quais varreram partes de alguns países da Ásia. Em alguns lugares, cidades praticamente inteiras desapareceram em poucos minutos. Foi aterrador! Indescritível!

O mundo jamais saberá com precisão quantas pessoas foram vítimas fatais daquela tragédia, porque muitos corpos não foram e jamais serão encontrados. Os que foram localizados nos dias subseqüentes à tragédia, passaram de duzentos e oitenta mil, segundo informações veiculadas nos meios de comunicação da época.

Enquanto o mundo inteiro assistia, consternado, às reportagens exibidas pelas emissoras de rádio e TV, as quais a cada dia apresentavam cenas mais chocantes, as perguntas que provavelmente todos faziam, e se não todos pelo menos a maioria, eram as seguintes: “Como pode Deus permitir tal coisa? Se Deus é de fato amor, como pode isso acontecer? Se Deus tem nas mãos o controle do Universo, não estaria sendo *injusto*

com os seres humanos ao permitir tais tragédias?”

E o que dizer dos atentados terroristas que impiedosamente ceifam milhares de vidas inocentes que nada têm a ver com os motivos dos atentados? Como, por exemplo, as vítimas do inesquecível atentado de 11 de setembro de 2001, ocorrido em Nova York, nos Estados Unidos? Uma ação diabolicamente coordenada ceifou, em instantes, milhares de vidas inocentes que jamais podiam imaginar que estavam marcadas para morrer. Quem viu aquele acontecimento, mesmo que pela televisão, jamais o esquecerá. Se as cenas impressionaram profundamente quem as viu pela TV, imagine quem as contemplou ao vivo!

Quando contrastamos esses fatos com declarações que encontramos na Bíblia, fica muito difícil, para não dizer impossível, conciliar as duas coisas. Ou seja, conciliar o que diz a Bíblia com o que testemunhamos todos os dias. Eis o que diz a Bíblia:

“Justiça e direito são o fundamento do Teu trono”.⁵

“Porque o SENHOR é justo, Ele ama a justiça”.⁶

Enquanto a Bíblia afirma, inarredavelmente, que *justiça e direito* são a base do governo de Deus, e que Ele não só é justo mas que também ama a justiça, os fatos que ocorrem ao nosso redor, e algumas vezes conosco mesmos, nos levam a concluir que se para alguns a vida é apenas difícil, para a grande maioria ela parece ser injusta.

Se Deus é o autor da vida, e se Ele é amor, e se *justiça e direito* são o fundamento do Seu trono, e se Ele não só é justo, como também ama a justiça, então, a vida, na maioria das vezes, e para a maioria das pessoas, parece uma grande contradição! Ou, na melhor das hipóteses, um grande paradoxo!; pois essa sensação de que a vida é injusta, de certa forma, é um clamor por justiça. E se o Autor da vida é justo, como poderia a vida ser injusta?

Na verdade, o desejo velado por justiça nos assalta porque os

⁵ Salmo 89:14

⁶ Salmo 11: 7

fatos observados no dia-a-dia *parecem* demonstrar que o Diabo é mais poderoso do que Deus. A realidade em que a maioria das pessoas vive dá a impressão que o Diabo é maior e mais poderoso do que Deus. Pois enquanto clamamos desesperadamente pela paz, por exemplo, as guerras e as matanças estão se multiplicando sem parar. Enquanto se fala em amor entre os povos, o ódio entre as nações continua crescendo. Quanto mais se fala sobre a igualdade social, torna-se cada vez mais gritante a desigualdade.

A verdade é que há muitas coisas que fazem parte do nosso cotidiano, mas com as quais nunca nos acostumamos; e jamais nos acostumaremos, até porque não fomos criados para conviver com certas situações. Como é o caso, por exemplo, das doenças, das tragédias e, principalmente, da morte. É claro que se as doenças e as tragédias não culminassem sempre em morte, não nos causariam tanto espanto e preocupação, nem tampouco seriam motivos para questionamentos.

E todas as vezes que somos vítimas de algum tipo de infortúnio, ainda que ninguém perceba, lá no fundo da alma está a antiga e persistente pergunta: “Por que?” “Por que comigo?” “Por que agora?” “Por que tem de ser assim?” Por quê?... Por quê?... Por quê?... A lista parece não ter fim.

Esse tipo de questionamento, querendo ou não, é um clamor desesperado por justiça. Na verdade estamos perguntando: até quando, Senhor? E quando fazemos esse tipo de pergunta estamos, de certa forma, talvez até mesmo inconscientemente, colocando Deus no banco dos réus, e, em um julgamento precipitado e sem conhecimento dos fatos, O consideramos culpado.

E, a meu ver, quando fazemos isso não cometemos nenhum pecado contra o Espírito Santo! Não pecamos além das setenta vezes sete! Não estamos cometendo nenhum tipo de pecado imperdoável! Não! Pois se Deus é o Autor da vida, do Universo, e é também quem tudo dirige, então, tudo que para nós está “fora” de lugar e de tempo deve ser atribuído a Ele. Ora, se Deus é responsável pelas coisas boas, e devemos agradecer-Lo por elas, como não atribuir-Lhe responsabilidade pelas coisas ruins? Se não podemos reclamar com Deus, vamos reclamar com quem?

Como tudo começou?

Conforme mencionei na introdução deste livro, reafirmo que o pecado não é eterno, porque não existiu sempre. Tempo houve em que pecado não havia. E se tempo houve no qual pecado não havia, tempo virá no qual pecado não haverá. E embora não saibamos quando surgiu, nem tampouco quando será extinto, será que podemos saber onde, com quem e porque o pecado se originou? Acredito que sim! Vejamos:

“Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lancei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras.”⁷

Embora essa passagem das Escrituras fale em primeiro plano do rei da cidade de Tiro, ela se refere, ainda que secundariamente, a algo mais profundo e de certa forma misterioso. Pelo menos essa é a opinião de alguns especialistas no assunto. Falando sobre os versos 1 a 10 de Ezequiel 28, disse um especialista em Antigo Testamento:

“Nesta profecia o rei de Tiro é adereçado como o representante de todo o povo, como a própria encarnação do orgulho e suficiência própria característicos da cidade. As hipérboles usadas nesta profecia preparam a mente do leitor para reconhecer através do rei de Tiro a figura de Lúcifer, o “querubim da guarda”, que no seu coração aspirou a ser igual ao Altíssimo, cuja inteligência se corrompeu por causa da sua formosura. É como se o profeta contemplasse o objeto da visão em dois planos superpostos: o primeiro plano é o da aparência, o segundo o da realidade. No primeiro plano está o rei de Tiro com toda a sua soberba e

⁷ Ezequiel, 28: 14-16

auto-suficiência. No segundo está Satanás, o originador do pecado, que por sua rebelião introduziu a desarmonia no Universo. Nesta passagem o véu que separa o mundo visível do invisível é descerrado, e é dado ao homem um vislumbre do que se passa no coração do Universo. Neste vislumbre se percebe a tragédia da primeira rebelião que introduziu o pecado e a discórdia no reino de Deus.”⁸

Ainda sobre a rebelião de Lúcifer, relatada nas Escrituras Sagradas, em Ezequiel 28, agora em relação aos versos 11 a 19, o escritor acima citado acrescenta ainda o seguinte:

“É nesta lamentação que a linha divisória entre a realidade visível e a realidade invisível se torna indistinta. É como se o profeta contemplasse dois diapositivos superpostos, e ora focalizasse um, ora outro. Não fosse esta percepção de uma realidade mais profunda, a linguagem do profeta poderia ser qualificada como extravagante e equívoca. A lamentação não deve ser vista como alegoria pura, nem como o simples produto da imaginação oriental posta a serviço da poesia. Comentaristas cristãos desde o início viram nesta descrição do rei de Tiro uma descrição velada de Lúcifer e sua rebelião no céu.”⁹

Embora os comentários acima sejam claros e convincentes, permita-me apresentar duas informações a mais sobre o texto bíblico, as quais, no meu entender, são evidências de que mesmo que o profeta esteja falando do rei de Tiro, o relato diz respeito também a Lúcifer, sua rebelião no Céu e sua conseqüente queda.

A primeira informação que desejo apresentar é o fato de que esse “ser” rebelde mencionado pelo profeta, em algum momento de sua existência, havia sido perfeito. “Perfeito eras...”, disse o profeta, ao referir-se ao “ser” em questão.

Essa declaração, vinda do próprio Deus – pois era em Seu nome que o profeta falava – não pode ser uma referência unicamente ao rei de

⁸ SCHWANTES, S. J. *Breve Comentário Sobre o Livro do Profeta Ezequiel*. São Paulo: SALT, 1985, pág. 125.

⁹ Idem, pág. 127.

Tiro. Por quê? Por uma razão muito simples: Será que em algum tempo o rei de Tiro havia sido perfeito? Acho que não! Portanto, se o profeta fala de um “ser” que por algum tempo fora perfeito, não está se referindo somente ao rei de Tiro. Há algo mais sério, mais profundo, e até mesmo invisível, implícito nessa declaração.

A segunda informação que vou apresentar tem a ver justamente com o complemento da declaração “perfeito eras”. De acordo com o que lemos, desde quando esse “ser”, ao qual o profeta faz referência, fora perfeito? “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado.” Percebeu o ponto em que quero chegar? Não se trata aqui de um “ser” nascido; e sim de um “ser” criado. Então, o profeta não poderia mesmo estar se referindo apenas a um simples ser humano. Se estivesse de fato se referindo apenas e tão-somente ao rei de Tiro, provavelmente a declaração seria assim: “Perfeito” eras nos teus caminhos, desde o dia em que *nasceste*, ou mesmo *gerado*. Portanto, diante dessas evidências, a idéia de que o texto faz alusão também à queda de Lúcifer, o anjo que se rebelou no Céu, me parece muito razoável.

Assim, pois, nesses poucos versos da Bíblia encontramos o relato de um grande mistério. Porque, na verdade, encontramos nesses versos o relato da origem misteriosa do mal. Logo, essa passagem das Sagradas Escrituras marca a abertura de um grande parêntese no plano original de Deus. Tudo de ruim que acontece no mundo, tem sua origem e “explicação” nesse pequeno relato bíblico.

Entretanto, relatos como esses, se não forem entendidos racional e inteligentemente, podem confundir mais do que explicar. Pois, a bem da verdade, e por mais paradoxal que nos possa parecer, o relato dá a entender que o mal surgiu do próprio bem; que a imperfeição se originou da perfeição. Pois se antes tudo era perfeito, inclusive o próprio anjo que se rebelou, então, o mal não *parece* ter surgido do bem? Sim, parece! Todavia, embora isso nos pareça muito lógico, pode não expressar a verdade. É por essa razão que prefiro dizer *parece*, a fazer uma afirmação categórica. Vejo muita sabedoria no ditado popular que diz: “Nem tudo que parece, é”.

Ainda que pareça, o mal não surgiu diretamente do Bem, mas sim de uma das Suas criaturas. Mas, pensando melhor, mesmo que o mal

tivesse surgido diretamente do Bem, ainda assim seria mais fácil de se aceitar, do que se fosse o inverso. Ou seja, o bem surgindo do mal; ou a perfeição surgindo da imperfeição.

Se o mal nos *parece* ter surgido do bem, isso quer dizer que o mal não existiu sempre. E se não existiu sempre, logo, não existirá para sempre. Se o mal não é eterno quanto ao passado, também não o será quanto ao futuro. Se o mal teve um início, terá também um fim. Enquanto que, se o bem é que tivesse surgido do mal, então, nesse caso, o bem é que não seria eterno, e sim o mal. O que seria uma tragédia com consequências eternamente irreparáveis.

Como vimos, o mal se originou no momento em que um dos guardiões do trono de Deus, de maneira misteriosa e inexplicável, resolveu rebelar-se contra o seu Criador. Tratava-se de um anjo perfeito, que vivia na companhia de outros anjos também perfeitos, vivia em um lugar perfeito, guardava o trono de um Deus perfeito e que, em um determinado momento, e sem que houvesse qualquer motivo para isso, deixou de ser perfeito. Como pôde ser isso? Eis um grande mistério! Que motivo tinha esse anjo para pecar? Nenhum! Quem o influenciou a proceder assim? Ninguém! Por que, então, Lúcifer pecou? É um mistério! E mistério não se explica; se aceita. E no caso do mistério em pauta, o mistério do surgimento do mal, creio não haver dificuldades em aceitá-lo, uma vez que seus efeitos têm sido notados em todos os tempos e lugares.

Onde mesmo surgiu o pecado?

O primeiro grande mistério a envolver o surgimento do pecado é o “ser” com o qual ele começou; pois conforme observamos anteriormente, tratava-se de um “ser” perfeito; e, o segundo, é o lugar onde se manifestou pela primeira vez. Você já parou para pensar que o pecado não é de origem terrena, e sim celestial? Espere aí, você está dizendo que o pecado surgiu no Céu? Você me pergunta. Sim!, eu lhe respondo. Se a primeira criatura a pecar foi Lúcifer, e se ele era um dos querubins da

guarda do trono de Deus, então está claro que o pecado surgiu no Céu e não da Terra.

“Houve peleja no Céu. Miguel e Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no Céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos”¹⁰.

Se o Diabo foi expulso do Céu para a Terra, então o pecado veio de lá. Portanto, embora tenha se proliferado na Terra, e na Terra feito suas vítimas, sua origem se deu no Céu e não na Terra. Não é esse um fato curioso?

Tudo bem! Aceitemos que o pecado tenha surgido no Céu. Porém, o Céu deve ser muito grande e, quem sabe, o anjo se rebelou às escondidas, bem longe de Deus, assim como os filhos, que quando querem desobedecer aos pais, preferem fazê-lo longe deles!

Se fosse esse o caso, embora o mistério não pudesse ser eliminado, pelo menos diminuiria. Não obstante, não foi assim que as coisas aconteceram; pois o primeiro anjo a se rebelar era um dos guardiões do trono de Deus. Destarte, além de o pecado ter surgido no Céu, no coração de um anjo perfeito, o que já seria em si um grande paradoxo, ele surgiu, ao que me parece, nas proximidades do trono de Deus. Pois o pecado surgiu no coração de Lúcifer; porém, Lúcifer era um dos querubins da guarda; guarda do próprio trono da Divindade.

Como pôde ser isso? Um anjo perfeito, que vivia em um lugar perfeito, na companhia de outros anjos também perfeitos, e sendo guardião do trono de um Deus perfeito, de repente, e sem que houvesse qualquer motivo para isso, deixar de ser perfeito? Repito: estamos diante de um grande mistério; o que a Bíblia chama de “*O mistério da Iniquidade*”.¹¹ E compreender essa questão de que o pecado surgiu no Céu e não na Terra

¹⁰ Apocalipse 12: 9

¹¹ II Tessalonicenses 2:7

é fundamental para se compreender o desfecho final que ele terá.

É fácil entender que depois que Lúcifer pecou outros anjos poderiam pecar também. Inclusive, sabemos que Lúcifer, após fazer sua escolha descabida, conseguiu enganar a terça parte dos anjos, arrastando-os consigo.¹² Quanto a esses anjos que foram expulsos do Céu com Lúcifer, entendo que, embora também fossem perfeitos, receberam uma influência externa que, por certo, contribuiu para que fizessem a escolha que fizeram. O que de fato quero ressaltar é que se outros anjos pecaram, o fizeram sob uma influência externa. Lúcifer, no entanto, não recebeu nenhum tipo de influência. Pois quando pecou não havia nenhum tipo de mal; nenhuma influência negativa; não havia nada e ninguém que pudesse sugerir, mesmo que disfarçadamente, o tipo de comportamento adotado por ele. Então, se Lúcifer pecou, o que na verdade é um fato, pecou por sua livre, espontânea, voluntária e deliberada escolha. Mas, como isso pôde ser possível?

A única resposta que se pode dar a uma pergunta como essa, se é que ela tem uma resposta aceitável, é: Lúcifer pecou porque tinha liberdade para pecar; pecou porque quis; pecou porque lhe era possível pecar. E se não lhe fosse possível pecar, como poderia ter pecado? É claro que se Lúcifer não tivesse liberdade para pecar, também não teria liberdade para amar. Se não fosse livre para se rebelar, também não o seria para se submeter. Portanto, se Lúcifer pecou, não foi porque tivesse motivo, mas porque tinha liberdade.

E penso que o pecado, no que diz respeito à sua origem, só pode ser considerado pecado porque se originou dessa forma. Caso houvesse uma razão que justificasse seu surgimento, no meu entender, não poderia ser considerado pecado. Entendo, portanto, que o pecado só é pecado porque não havia razão para sua existência; que o pecado só é pecado porque não há nenhuma justificativa para sua origem; que o pecado só é pecaminoso porque não há uma explicação plausível e aceitável para a escolha feita por Lúcifer.

Assim, Lúcifer foi o primeiro, o último, e o único pecador do Uni-

¹² Ver Apocalipse, 12: 4

verso que fez uma escolha errada sem receber qualquer tipo de influência. Foi o único que teve o privilégio de gozar plenamente o direito da *liberdade de escolha*. A partir dele, todos os pecadores receberam sua influência, o que faz dele o verdadeiro e único autor de todos os pecados do mundo. Sendo todos os outros pecadores, no máximo, co-autores com ele.

E já que estamos falando em direito de escolha, creio ser de bom alvitre lembrar que de acordo com a justiça dos homens toda pessoa, independente de sua raça, de sua cor, de ser rica ou pobre, culta ou inculta, todos, indistintamente, têm direito à *vida* e à *liberdade*. Se a justiça humana entende dessa maneira, será que aos olhos da justiça Divina as coisas são diferentes? Acredito que não!

Partindo dessa premissa, de que toda pessoa tem direito à vida e à liberdade, podemos dizer que Lúcifer foi o único pecador do Universo que teve o privilégio de gozar, na plenitude, o direito de ser livre; pois, se pecou, não foi por influência de quem quer seja, o que nunca ocorreu e nem tampouco ocorre com os descendentes de Adão.

Enquanto Lúcifer, de perfeito que era, escolheu se tornar pecador, todos os descendentes de Adão já nascem com uma natureza pecaminosa. Por isso, Lúcifer não apenas pecou, mas tornou-se, por esse mesmo gesto, a própria personificação do pecado. Depois dele, todos os outros pecadores, inclusive os demais anjos que pecaram, não estavam totalmente *livres* para escolher; porque foram vítimas de influências externas. Na verdade foram vítimas do engano de Lúcifer. Isso faz dele o causador do mal; enquanto todos os outros pecadores, e de maneira especial os descendentes de Adão, são apenas vítimas do pecado; porque, independente da vontade e da escolha de cada um, todos já nascem pecadores.

Quem está por trás de tudo?

Quando vejo reportagens sobre atentados terroristas, fico a me perguntar quem ou o quê poderia estar por trás de tais ações. Como pode uma pessoa em sã consciência planejar, a sangue frio, matar-se a si mesma e,

juntamente consigo, milhares de inocentes? O que levaria, por exemplo, uma pessoa a estuprar uma criança? Quem poderia estar por trás dos assassinatos? Dos roubos? Quem influencia os homens à corrupção? Ainda que minha conclusão possa parecer ingênua para alguns, não consigo entender o comportamento de algumas pessoas se não como estando dominadas e motivadas, ou mesmo influenciadas por uma força maligna e diabólica. Como podem matar quem nada tem a ver com o assunto, como é o caso dos terroristas? No caso de ataques suicidas, por exemplo, a pessoa está atentando contra seu próprio direito, já que todos têm direito à vida. Como pode alguém, em sã juízo, atentar contra seu próprio direito? Aliás, todos os crimes, em última análise, são atentados contra os direitos também de quem os pratica, porque o criminoso torna-se sujeito às penalidades da lei.

Sobre a atuação de Satanás em determinadas situações, há um comentário muito apropriado: “O Diabo intromete em cada compartimento do lar, em toda rua de nossas cidades, nas igrejas, nos conselhos nacionais, nos tribunais de justiça, confundindo, seduzindo, arruinando por toda parte a alma e o corpo dos homens, mulheres e crianças, desmembrando famílias, semeando ódios, rivalidades, contenda, sedição, assassinio.”¹³

Diante de um relato como esse, a pergunta da qual não conseguimos nos livrar é a seguinte: Por que Deus criaria um anjo sabendo que faria a escolha que Lúcifer fez? Teria sido a criação de Lúcifer um equívoco da parte de Deus? Ou Deus não tem conhecimento do futuro?

Antes de fazer qualquer comentário sobre essas perguntas, perguntas difíceis de serem respondidas, quero lembrar ao leitor que ao falar sobre esses assuntos não me coloco na condição de advogado de Deus, e sim de uma testemunha; testemunha de defesa, é claro. Mesmo porque, para quem está no banco dos réus – e parece ser essa a condição de Deus, em função de nossas atitudes para com Ele – o depoimento de uma testemunha de defesa pode ser decisivo. Se eu fosse fazer o papel de um advogado de defesa, seria em favor do ser humano e não de Deus; porque, para

¹³ WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988, pág. 508.

mim, são eles, os seres humanos, as únicas vítimas nessa história.

Por que Deus criou Lúcifer mesmo sabendo que faria a escolha que fez? Ou Deus não sabia? É claro que Deus sabia! Mesmo antes de criá-lo, Deus já sabia que Lúcifer faria a escolha que fez. E não somente isso, sabia também do que aconteceria com os seres humanos.¹⁴ E se não o soubesse, já não poderia ser Deus; porque, pelo fato de ser Deus, Ele é onisciente. Que tipo de Deus Ele seria se não tivesse conhecimento do futuro?

Surge, então, uma outra pergunta: Se sabia, então por que criou? Não seria melhor não tê-lo criado? Se Deus não criasse Lúcifer pelo fato de que ele poderia Lhe causar problemas, então Deus já não seria Deus. Que Deus Ele seria se deixasse de criar um anjo só porque esse Lhe traria problemas? Não teria Deus capacidade para resolver o tal problema?

Digamos que a resposta a essa pergunta fosse NÃO! Deus não tem capacidade para resolver tal problema, por isso não vai criar tal anjo. Então, nesse caso também, Deus já não seria Deus! Que Deus Ele seria se não conseguisse resolver um problema causado por uma de Suas criaturas? Se assim o fosse, a criatura já não seria maior que o Criador?

Digamos, então, que a resposta seja SIM! Deus pode resolver qualquer problema causado por qualquer uma de Suas criaturas. Então, por que não criar um anjo só porque esse se rebelaria? Se Deus poderia resolver o problema que aquele anjo causaria, e Deus não somente pode, como de fato resolverá, por que, então, não criá-lo? Um fabricante de automóvel, por exemplo, sabe que os carros dão problemas. Mas nem por isso vai deixar de fabricar. E nesse caso, o fabricante sabe que não apenas um, mas que TODOS os carros apresentam problemas. Mas, como está preparado para solucioná-los, então, continua fabricando.

¹⁴ WHITE, Ellen G. *O Desejado de Todas as Nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990, pág. 22.

Uma questão de natureza

Conversava, certo dia, com um primo meu que é bacharel em direito, e na época trabalhava no Tribunal Regional Federal da 1ª Região, em Brasília. Perguntei-lhe se já havia feito o exame para pegar sua carteira da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Sua resposta me ajudou a compreender melhor o assunto sobre o qual estou escrevendo. Disse-me ele: “No momento não tenho interesse em fazer o exame porque, como funcionário do Tribunal Regional Federal, estou impedido de advogar; não posso defender nenhum tipo de causa”. Entendi que a *natureza* do cargo que ocupava, o impedia de exercer a profissão de advogado na verdadeira concepção da palavra; entendi que advogar seria *incompatível* com o trabalho que realizava ali no Tribunal.

Com Deus as coisas não são tão diferentes. O que acontece é que Deus também tem uma natureza. E por ter a natureza que tem, Ele está impedido de viver sozinho – assim como meu primo, enquanto funcionário do Tribunal, estava *impedido* de advogar – pois um dos aspectos da natureza de Deus é o Seu poder criador. Sendo assim, Ele tinha que criar. E, se porventura não criasse, já não seria Deus.

Um outro aspecto da natureza divina que deve ser considerado é o que está revelado em I João 2: 4. “*Aquele que não ama, não conhece a Deus, pois Deus é amor*”. Deus é amor! Esse fato é muito significativo, porque o amor genuíno é, por natureza, altruísta. E se Deus é amor, e se o amor é altruísta, e se altruísmo é o contrário de egoísmo, como Deus poderia ser Deus sozinho? Impossível! Iria amar a Si mesmo? Então, Deus, pelo fato de ser Deus, e ter a natureza que tem, Ele tinha de criar.

Então, pelo fato de ser Deus, e ter a natureza que tem, Ele criou; criou seres com capacidade de amar. Criou seres moralmente livres e que não só tivessem a capacidade de amar, mas que pudessem se sentir amados também. Se tivesse criado os anjos com liberdade somente para amar e obedecer, Deus já não seria Deus, e sim um ditador, um déspota, um tirano que, nesse caso, não estaria dando liberdade às Suas criaturas; pois “liberdade” somente para obedecer, jamais pode ser considerada liberdade no verdadeiro sentido da palavra.

Sobre o autêntico, verdadeiro e genuíno amor, não podemos esquecer que só pode amar genuinamente quem tem liberdade para não amar. Porque, quem “ama” por não ter a opção de não amar, na verdade não está amando coisa nenhuma; pois o amor só pode ser considerado amor quando é voluntário; quando é fruto de uma escolha. Será que haveria alguma pessoa no mundo que quisesse ser amada, mesmo que à força? Provavelmente não!

Assim como o pecado só é pecado porque é fruto de uma escolha deliberada; da mesma forma o amor só pode ser amor genuíno quando é voluntário! Além do que, para que alguém tenha liberdade para amar, precisa ter, inerentemente, liberdade para não amar. O que queremos dizer é que ser livre para amar implica, necessariamente, em ser livre para não amar. Só tem liberdade para obedecer de livre e espontânea vontade quem tem liberdade para desobedecer. Em outras palavras, a liberdade para não amar está implícita na liberdade que se tem para amar; pois é impossível ser livre para uma coisa e não para a outra.

Assim, pois, é a existência do mal uma das maiores provas não só do amor e da bondade de Deus, como também de Sua justiça; pois se Deus não fosse amor e justiça, o que não teria feito com Lúcifer assim que se rebelou? Portanto, o fato de Deus não ter destruído Lúcifer assim que se rebelou, é uma incontestável demonstração não só de amor, como também de justiça. A rigor, dar liberdade e não respeitá-la quando se faz uso dela seria o cúmulo da injustiça e do cinismo.

Livres, não programados

Certo dia, li alguma coisa sobre uma boneca especial. Tratava-se da boneca chamada “Cindy Smart” (Cindy Esperta). Creio que o funcionamento dessa boneca pode nos ajudar a compreender melhor essa questão de obediência e liberdade de escolha. Cindy Smart era uma boneca que falava cinco línguas, informava as horas e ainda fazia mul-

tiplicações e divisões simples. Na verdade tratava-se da primeira boneca que fazia o que lhe era pedido. As primeiras pessoas que conheceram essa boneca ficaram meio assustadas. Como uma boneca podia fazer tudo isso?

A verdade é que a boneca tinha no seu interior um bom programa de computador, um microprocessador de 16 bits e um leitor ótico que permitia que ela reconhecesse números e objetos em forma de letras. Porém, por mais que essa boneca fosse complicada ou mesmo surpreendente, não passava de um computador; sendo-lhe impossível ficar triste ou alegre, e era também incapaz de amar ou de odiar; embora estivesse programada para obedecer. Com limitações, é claro! Cindy estava programada para fazer o que lhe fosse solicitado, desde que não lhe fosse pedido nada além do que estava programada para fazer.

Ao contrário dessa boneca, tanto os anjos quanto o ser humano foram criados com liberdade moral que lhes permitia, e ainda lhes permite, escolher entre amar ou não amar; obedecer ou desobedecer; se submeter ou se rebelar etc. Em outras palavras, nenhum ser inteligente no Universo de Deus foi programado para obedecer, nem tampouco para desobedecer; ninguém foi programado para amar e muito menos para odiar. Todos foram criados livres. Pelo menos até que o pecado passasse a fazer parte da nossa história. Porque, com o advento do pecado, o homem tornou-se escravo do mesmo, e, assim, a sua liberdade foi como que cerceada. Se o homem tornou-se escravo do pecado, já não é totalmente livre. Pelo menos até que a liberdade lhe seja restaurada ou devolvida. Ou, em outras palavras, até que seja liberto do cárcere do pecado.

E essa questão do livre arbítrio é de fato uma questão crucial, porque, conforme mencionamos há pouco, é na liberdade de escolha que encontramos a única “explicação” para a existência do mal. E não somente para sua existência, mas também para sua cura; porque, se o surgimento do mal passou pelo caminho da liberdade de escolha, sua cura definitiva terá de passar, obrigatoriamente, pelo mesmo caminho.

Involuntariamente doentes

Já que no parágrafo anterior falamos sobre a cura para o pecado, creio ser de bom tom lembrar que o mesmo pode perfeitamente ser comparado a uma doença infecto-contagiosa. Aliás, a Bíblia o compara ao “mal de Hansen”, doença popularmente conhecida como “lepra”.

Muito provavelmente, no universo das enfermidades conhecidas, não haja outra, além da lepra, que melhor ilustre o efeito do pecado na vida das pessoas. Pois embora não se saiba exatamente como é transmitida, sabe-se que ela é uma doença contagiosa. Além de ser contagiosa, a lepra é uma doença extremamente sutil, tendo em vista que uma de suas principais características é tornar a pessoa insensível à dor, o que faz com que sua vítima sequer perceba que está doente. Assim, ela consegue destruir a pessoa quase que imperceptivelmente, e, quando menos espera, pode estar totalmente deformada.

Não tem sido exatamente assim o efeito do pecado na vida do ser humano? À semelhança da lepra, embora não saibamos exatamente como o pecado nos foi transmitido, o certo é que fomos infectados. E da mesma forma que a lepra deixa suas vítimas insensíveis à dor, o pecado também tem tolhido nossa sensibilidade. É, inclusive, em função dessa insensibilidade causada pelo pecado que os crimes acontecem. Não há como negar que a insensibilidade é uma característica marcante das pessoas que vivem no século XXI.

Finalmente, assim como a lepra, que aos poucos destrói as pessoas, o pecado também, ao longo dos séculos, tem destruído milhares e milhares de vidas. Por todas essas semelhanças, vejo muita lógica na comparação que a Bíblia faz entre o pecado e a lepra.

Ainda comparando o pecado a esta doença ou a qualquer outra infecto-contagiosa, vale considerar que qualquer pessoa pode ser contagiada por meio do contato com alguém que esteja infectado. Mas, mesmo que a doença tenha sido transmitida, a cura jamais se transmitirá.

Com um espirro, por exemplo, especialmente em um ambiente fechado, uma pessoa pode contaminar várias outras com o vírus da gripe. A

cura, porém, jamais pode ser transmitida. Caso uma pessoa, ainda que *involuntariamente* seja infectada, terá de procurar, *voluntária* e pessoalmente, a cura. Então, no caso de uma doença transmissível, embora a pessoa não escolha, e muito menos queira, pode sim ser infectada. E, caso o seja, não adianta outra pessoa tomar o remédio em seu lugar. Ela mesma, pessoal e individualmente terá de fazê-lo, se de fato quer ser curada.

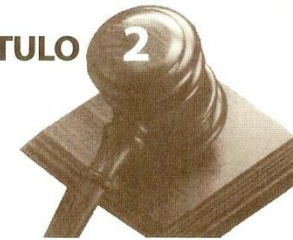
Foi o que aconteceu no caso do ser humano em relação ao pecado. Embora os descendentes de Adão não tenham individualmente feito tal escolha, todos foram infectados pelo “vírus” do pecado. E, caso queiram ser curados, todos, voluntária e individualmente, precisarão tomar o “remédio”.

Seja que doença for, mesmo que a pessoa não queira ficar doente, mas se porventura ficar, a cura só poderá ocorrer mediante uma escolha. No caso da doença chamada pecado, não é diferente. Já que todos, sem uma única exceção, foram infectados, caso alguém queira ser curado, terá de tomar o remédio.

Qual o remédio que pode nos curar dessa terrível enfermidade? Onde encontrá-lo? Qual o seu preço? Qual a sua eficácia?

Por enquanto vamos deixar essas perguntas no ar. Porém, não as deixaremos sem respostas; porque, no momento apropriado, elas serão consideradas.

CAPÍTULO 2



PECADO, UMA DÍVIDA HUMANAMENTE IMPAGÁVEL

Embora não saibamos quando o pecado surgiu, já sabemos onde e com quem ele começou. Também já entendemos melhor sua ação no mundo quando o comparamos a uma doença infecto-contagiosa.

Outra maneira interessante de se compreender o pecado e suas conseqüências para o ser humano, e também como será eliminado do planeta, é compará-lo a uma dívida. Inclusive, a Bíblia o compara não somente à lepra, como vimos no capítulo anterior, mas fala dele também como sendo uma espécie de dívida. Referindo-se ao pecado, a Palavra de Deus diz: “o salário do pecado é a morte.”

Salário não é o pagamento que se faz ou que se recebe por um serviço prestado? Portanto, todo ser humano tem uma dívida, já que todos são pecadores. E nesse caso, o dos seres humanos, não é uma dívida a receber, e sim a pagar. Ainda comparando o pecado à uma dívida, a Bíblia faz menção a ele como se fosse um *escrito de dívida* que era contra todos nós.¹⁵

O grande problema, porém, não é sermos devedores; é que o único bem com o qual essa “dívida” pode ser paga é a vida. Não há outra maneira de se livrar dessa dívida maldita. Algumas pessoas, talvez por não entenderem o quanto o pecado é ofensivo aos olhos de Deus, tentam pagar a dívida do pecado praticando boas ações, o que não deixa de ser uma atitude louvável. Não obstante, o pecado é uma dívida para a

¹⁵ Ver Colossenses 2:13 e 14.

qual nem ouro, nem dólar, nem euro, nem real, nem boas ações, e nem mesmo a soma de tudo isso será suficiente para pagá-la. Somente a morte do pecador, e morte eterna (morte sem direito à ressurreição), poderia pagar a dívida do pecado.

Diante da seriedade dessa dívida chamada pecado, e de nossa incapacidade para pagá-la, eis a pergunta que paira em nossa mente: Mas, afinal de contas, como foi mesmo que nos tornamos devedores dessa dívida tão terrível? Acompanhemos o processo.

Expulso do Céu, Lúcifer, que agora era Diabo, e, portanto, um inimigo declarado de Deus, tratou logo de destilar seu veneno contra Aquele que, embora fosse o seu Criador, agora era visto como seu rival. O objetivo do Diabo era levar o homem a fazer a mesma escolha que ele fez, quando ainda estava no Céu. Para que esse assunto se torne mais interessante, e seu estudo mais esclarecedor, permita-me voltar um pouco atrás e acrescentar algumas informações sobre a rebelião de Lúcifer no Céu. Ao falar sobre sua rebelião, a Bíblia diz assim:

“Na multiplicação do teu *comércio* se encheu o teu interior de violência, e pecaste”.¹⁶

A palavra “comércio”, que aparece nesse texto, a qual fizemos questão de destacar, refere-se, no hebraico bíblico, a um tipo de operação por meio da qual se comercializa um tipo de mercadoria específica. O objeto do comércio descrito por essa palavra, não são mercadorias palpáveis ou tangíveis. Ela descreve, isso sim, ao comércio de idéias e não de mercadorias materializadas. E ela se refere também a um tipo de transação no varejo, e não no atacado. Isso quer dizer que Lúcifer, após acalantar dentro de si pensamentos negativos e equivocados quanto ao caráter de Deus, tentou passar isso aos outros anjos, falando individualmente a cada um deles. Então, para enganá-los, Lúcifer “vendeu”, ou pelo menos tentou vender aos demais anjos, suas falsas idéias sobre Deus. E os que as “compraram” foram, conseqüentemente, expulsos

com ele do Céu. Talvez seja por isso que a Bíblia compara o pecado a uma dívida; porque, na verdade, ele é um tipo de “mercadoria” que se vende e que se compra, ainda que por engano. Isto posto, voltemos à questão da dívida do pecado e como todos nós fomos feitos devedores.

Uma vez expulso do Céu, Lúcifer tentou estabelecer na Terra o que fora impedido de fazer no Céu. Ou seja, estabelecer o seu domínio. E, para isso, haveria de usar, e agora em relação ao homem, a mesma estratégia que usara para enganar os anjos. Isto é, tentaria “vender” ao homem suas falsas idéias sobre Deus, sobre Seu caráter e sobre Sua forma de governar o Universo.

Assim, ao abordar Adão e Eva, quando estes ainda estavam no Jardim do Éden, o Diabo lançou mão de uma estratégia extremamente sutil. Enquanto Deus havia dito que a conseqüência de uma possível desobediência às orientações divinas seria a morte, o Diabo disse: “*É certo que não morrereis*”¹⁷.

Com isso, estava o Diabo colocando dúvida na mente do homem sobre o caráter de Deus, o que na verdade quer dizer que estava tentando “vender” ao homem suas falsas idéias em relação ao Criador. Percebendo que sua estratégia estava dando certo, Satanás continuou insinuando. Disse ele:

“É que Deus sabe que no dia em que comerdes, se vos abrirão os olhos e, como, Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.”¹⁸

Nas entrelinhas, o Diabo estava insinuando, ainda que falsamente, que o homem podia tornar-se igual a Deus, se o quisesse. Ao dizer isso, sugeria que Deus estava privando o primeiro casal de algo maravilhoso. Ora, se o comer do fruto proibido, ou melhor, se o desobedecer a ordem divina os tornaria “iguais” a Deus, e Deus os proibira de fazê-lo, então, nesse caso, Deus estava querendo mantê-los em um nível inferior!, sugeria o tentador. Com isso, Lúcifer estava dizendo

¹⁶ Ezequiel 28:16

¹⁷ Gênesis 3:4

¹⁸ Gênesis 3:5

que Deus não é amor e, dessa maneira, induzia o homem a usar sua liberdade para fazer uma escolha equivocada, a qual contrariava o plano de Deus para o homem.

Eva, embora fosse perfeita e não conhecesse o pecado, acreditou na mentira do Diabo, o que a levou a desobedecer a orientação Divina. Na verdade, o que o Diabo fez foi colocar uma falsa possibilidade diante dela. A sugestão do Diabo era que Eva poderia, se assim escolhesse, se tornar igual a Deus. Diante de uma falsa possibilidade Eva fez uma escolha equivocada. E, tão logo a fez, tornou-se uma influência negativa para seu esposo, levando-o a fazer a mesma escolha que ela, o que fez com que aquela escolha se tornasse fatal. Pois independente de quere-rem ou não, a opção que ambos fizeram acabou afetando toda a sua descendência. Com aquela escolha, o direito à vida e à liberdade, no que tange aos descendentes de Adão, foi sensivelmente cerceado.

Usando a mesma linguagem comercial utilizada pelo escritor sagrado, diríamos que o Diabo conseguiu “vender” à Eva suas falsas idéias sobre Deus. E Eva, tão logo “comprou” a estranha e maldita “mercadoria”, transformou-se, imediatamente, numa espécie de revendedora, sendo o seu esposo seu primeiro comprador. A “compra” que ambos fizeram gerou uma dívida para a humanidade que só poderia ser paga com a vida. Essa dívida, agora chamada pecado, foi repassada a todos os descendentes daquele primeiro casal.

Henry Law, um teólogo do século dezoito, em seu livro *O EVANGELHO EM GÊNESIS*, faz um comentário interessante sobre a consequência do pecado de Adão para toda a raça humana. Diz ele assim:

“Em Adão todos morrem. Leitor, observe como toda a nossa raça participou do primeiro pecado. Adão estava diante de Deus, não como um ser isolado, mas como uma pessoa comum. Todas as gerações estavam em seus lombos. Toda a família humana estava envolta naquele escrínio. Assim como uma semente contém a floresta, assim também todas as nações, de todas as eras, estavam incluídas em Adão. Assim como todos os raios procedem de um único Sol, assim também todos os descendentes de Adão tiveram começo nessa origem comum. Dessa maneira, o ato de Adão afeta cada criança, ainda que a mais remota, tal como a mácula existente

em uma fonte é mácula em cada gota que dela deriva.

Segue-se, portanto, que em Adão quebramos o Pacto das Obras. Pecamos no seu pecado. Somos culpados na sua culpa. Nele nos afastamos de Deus. Nele entramos nas celas da ira. Nele nos vestimos do manto da condenação.”¹⁹

Se esses conceitos são verdadeiros, e não temos porque pensar que não o são, então estamos diante de uma situação complicada, especialmente do ponto de vista da justiça. Se a justiça advoga, conforme já falamos anteriormente, que toda pessoa tem direito sagrado à *vida* e à *liberdade*, então, a escolha do casal edênico cerceou a liberdade de todos os seres humanos, no que diz respeito a ser ou não pecador. Haja vista, enquanto Adão e Eva puderam escolher entre permanecerem perfeitos ou se tornarem pecadores, seus descendentes não tiveram o mesmo direito, porque todos já nascem na condição de pecadores; e, conseqüentemente, condenados à morte.

Não esquecendo, porém, que, embora Adão e Eva tenham feito uma escolha, a fizeram porque foram enganados ou influenciados pelo Diabo. Mas, mesmo assim, se Adão e Eva, se tornaram pecadores, foi por uma escolha individual; enquanto seus descendentes o são por nascimento. E se não somos pecadores por escolha, podemos ser responsabilizados por isso? Se o pecado pode ser comparado a uma dívida, conforme já vimos anteriormente, nesse caso todos os seres humanos foram feitos devedores, sem que tivessem feito tal escolha. É como se todos nós fôssemos verdadeiros laranjas que, sem que o soubéssemos, e muito menos o quiséssemos, quer dizer, pela escolha de outros, uma dívida tivesse sido feita em nosso nome. E que dívida!

Conversava certo dia com uma pessoa que dizia estar passando por um grande problema. Algum tempo atrás havia se ausentado do Brasil, ficando no exterior por um período de aproximadamente quatro anos. Ao retornar à sua Pátria, não fazia muito tempo, foi intimada a comparecer a uma delegacia da Receita Federal.

¹⁹ LAW, Henry. *O Evangelho em Gênesis*. São Paulo: Editora Leitor Cristão, 1969, págs. 20, 21.

Sem se quer imaginar o que poderia estar acontecendo, atendeu à intimação. Para sua surpresa, descobriu que tinha uma dívida para com o fisco brasileiro que segundo suas possibilidades era uma dívida impagável. Você já sabe o que aconteceu com essa pessoa. Ela foi usada como “laranja” e alguém mal intencionado contraiu essa dívida em seu nome, a qual ela jamais poderia pagar.

Com relação ao pecado, algo parecido aconteceu com os descendentes de Adão, o que vale dizer, com todos os seres humanos. Isto é, sem que tenham escolhido, e nem mesmo o soubessem, ou melhor, antes mesmo que existissem, foram feitos devedores. Nesse caso, que culpa nós, os seres humanos, poderíamos ter pelo fato de sermos pecadores?

E tem mais: Se a salvação é individual, e se uma pessoa nada pode fazer para que a outra seja salva, sendo isso uma escolha de responsabilidade individual, então, tem Deus um problema jurídico muito sério para resolver.

Por que quanto à salvação ninguém pode escolher por outro, mas quanto ao pecado, todos foram afetados pela escolha feita por Adão? Se o perdão concedido a uma pessoa não pode beneficiar uma outra, por que quanto ao pecado as coisas não são assim? Por que o pecado nos foi transmitido sem que escolhêssemos e o perdão não pode ser? Sendo a *justiça* e o *direito* o fundamento do governo de Deus, teria Ele uma maneira especial de lidar com essa situação, sem contrariar os princípios de justiça que regem o Seu governo? Certamente que sim! E é o que você vai conferir, a seguir, e também nos próximos capítulos deste livro.

Tratamento justo

Um grande amigo meu, com quem muito aprendi sobre gerenciamento de pessoas, costumava dizer: “é injustiça tratar os diferentes de maneira igual”. Com isso ele queria dizer que pessoas diferentes devem ser tratadas de maneira diferente. Se o homem tem essa concepção

sobre justiça, que diremos de Deus? Sendo a *justiça* e o *direito* o fundamento ou a base do Seu governo, então, era de se esperar que ao tratar com Adão e Eva, agora na condição de pecadores, Deus os tratasse diferentemente do que faria com Lúcifer; pois, se Adão e Eva pecaram, foi em circunstâncias bem diferentes daquelas nas quais Lúcifer pecou. Porque, se Lúcifer pecou, não foi por influências externas, o que não é o caso de Adão e Eva. Por isso, já no primeiro contato de Deus com o homem, após este haver cometido seu primeiro pecado, já se pode notar um tratamento diferenciado e justo da parte de Deus. Vejamos, por exemplo, o diálogo de Deus com o homem, logo após ele haver pecado.

“E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvei a Tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei que não comesses? Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o Senhor Deus à mulher: O que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos”.²⁰

Permita-me parafrasear alguns trechos dessa conversa entre Deus, Adão, Eva e a serpente, e descubra algo interessante. E não apenas interessante, como também revelador.

Conforme lemos acima, assim que Adão cometeu seu primeiro pecado, Deus o questionou a respeito da escolha que acabara de fazer. “Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?”, perguntou Deus. Adão havia desobedecido a uma ordem expressa de Deus. No entanto, pelo menos no meu entender, Adão tinha uma “explicação” para a escolha errada que acabara de fazer. Respondendo a pergunta de Deus, disse ele: “A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi.”

Era como se Adão estivesse dizendo: “Senhor, foi minha esposa

²⁰ Gênesis 3: 9 a 14

quem sugeriu que eu Te desobedecesse! Foi a criatura que mais amo, Senhor! Como eu poderia recusar sua proposta? Na verdade, Senhor, eu até sabia que estava fazendo algo errado, mas amo tanto minha companheira que não tive coragem de dizer não! Afinal de contas, o Senhor a criou para que eu a amasse, e a amasse incondicionalmente. Portanto, eu não poderia amá-la somente enquanto me fosse conveniente. Por isso, isto é, por amor a ela, eu jamais a deixaria perecer sozinha! Então, Senhor, foi por isso que pequei!

Em outras palavras, Adão estava dizendo que pecou porque recebeu uma influência externa, a influência de sua amada esposa. E qual é o homem que, em alguma ocasião, já não foi influenciado por sua esposa? Provavelmente somente aqueles que não tem esposa. Confesso que depois que me casei muitas decisões que tomei, as tomei sob a influência de minha querida esposa. Felizmente ela nunca me influenciou a fazer uma escolha errada. Pelo contrário, ela sempre foi uma bênção na minha vida.

A reação de Deus, ante os argumentos de Adão, me leva a entender que Ele aceitou a “explicação” que Lhe foi apresentada. A razão pela qual penso dessa forma é porque tão logo Deus ouviu a “explicação” de Adão, Ele desviou imediatamente o foco da conversa. Se Eva havia sido a “causa” do pecado de seu esposo, então a mesma pergunta deveria ser feita a ela; porque, sendo assim, era ela quem deveria dar uma “explicação”; se é que ela tinha uma explicação a dar.

Então, *“disse o Senhor Deus à mulher: O que é isso que fizeste?”* Em outras palavras, perguntou Deus: “Eva, como você pôde induzir seu esposo a fazer tal coisa? O que foi que aconteceu, Eva? Por que você fez isso?”

Eva, à semelhança de seu esposo, e por incrível que pareça, também tinha uma “explicação” para o seu pecado. Em resposta à pergunta de Deus, disse ela: *“A serpente me enganou, e eu comi.”*

Como se pode ver, agora era a vez de Eva se “explicar”. Então, ela respondeu: “Senhor, só induzi meu esposo porque antes fui induzida! Eu amo meu esposo, e jamais o induziria a pecar por minha livre e espontânea vontade. Se o influenciei a pecar foi porque antes fui influenciada, pois a serpente me enganou, e foi por isso que pequei!”

A resposta de Eva, ou melhor, sua “explicação”, ao que me parece, também foi aceita por Deus; porque mais uma vez o foco da conversa foi desviado; agora de Eva para a serpente, porém, com uma grande diferença. Ao dirigir-Se à serpente, Deus não lhe fez nenhuma pergunta; Deus não quis saber se a serpente tinha ou não uma “explicação” a dar. Deus tão somente pronunciou sobre ela uma maldição. Que por sinal é a primeira maldição que encontramos na Bíblia. Dirigindo-Se à serpente, disse Deus:

“Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos.”

Por que Deus não questionou a serpente a respeito do que tinha feito, como fizera a Adão e à Eva? Por que não quis saber a razão pela qual havia enganado a mulher? A lógica é que fizesse à serpente a mesma pergunta que havia feito a Adão e a Eva, você não acha? E por que não o fez? Certamente foi porque a serpente não teria nenhuma explicação que pudesse justificar o seu comportamento. Qualquer resposta que porventura viesse a dar não seria aceita, porque não passaria de uma evasiva; pois se havia pecado não fora por influência de ninguém, mas sim por sua livre, deliberada, voluntária e espontânea vontade. Pecara por uma escolha exclusivamente sua, e não por influência de terceiros.

Se Adão havia pecado porque Eva o induzira; e se Eva induziu seu esposo porque fora induzida antes; esse, com toda certeza, não era o caso da serpente. Se Adão indicara Eva como co-autora em seu pecado, e Eva apontara a serpente (o Diabo) como o próprio autor do seu, a quem a serpente (o Diabo) poderia referir-se como co-autor? A ninguém! Então, ao dirigir-Se ao casal agora “culpado”, Deus estava tratando com as vítimas do pecado. Mas, ao dirigir-Se à serpente, estava tratando com o próprio autor do pecado. Por isso, ambos, as vítimas e o autor do pecado, recebem tratamentos diferentes; porque *justiça* e *direito* são a base do governo de Deus. E como diz meu amigo, tratar os diferentes de maneira igual é injustiça. Se Adão fosse tão culpado quanto a serpente, certamente teria sido amaldiçoado junto com ela. Não obstante, ao invés de amaldiçoar o homem diretamente, Deus preferiu amaldiçoar a Terra por causa do

pecado do homem; mas, ao homem, não o amaldiçoou.²¹

Adão havia pecado? Sim! O fizera por uma escolha sua? Obviamente! Perante a justiça Divina sua escolha teria o mesmo peso da escolha de Lúcifer? Certamente que não! Por que não?

Porque “mesmo como pecador, achava-se o homem, para com Deus, em posição diversa à de Satanás. Lúcifer pecara, no Céu, em face da glória Divina. A ele, como a nenhum outro ser criado, se revelou o amor de Deus. Compreendendo o caráter do Senhor, conhecendo-Lhe a bondade, preferiu Satanás seguir sua própria vontade independente e egoísta. Essa escolha foi decisiva. Nada mais havia que Deus pudesse fazer para salvá-lo. O homem, porém, foi enganado; obscureceu-se-lhe o espírito pelo sofisma de Satanás. A altura e a profundidade do amor Divino, não as conhecia o homem. Para ele, havia esperança no conhecimento do amor de Deus. Contemplando-Lhe o caráter, podia ser novamente atraído para Ele”.²²

Se o homem havia feito uma escolha errada porque ainda não conhecia suficientemente o caráter de Deus, conforme sugere a citação acima, então, Deus, para ser justo, precisava revelar-Se ao homem, afim de que esse O conhecesse melhor, e, conscientemente, pudesse fazer uma nova escolha, se assim o desejasse. Se para o Diabo não havia mais esperança, esse não era o caso do homem. Uma revelação especial da parte de Deus poderia reverter a situação. Inclusive, somos informados de que “se Deus não se houvesse interposto de maneira especial, Satanás e o homem teriam entrado em aliança contra o Céu; e, ao invés de alimantar inimizade contra Satanás, toda família humana se teria unido em oposição a Deus.”²³ Por isso, assim que o homem foi enganado por Satanás e cometeu seu primeiro pecado, Deus tratou logo de revelar-Se ao homem. E revelar não somente o Seu amor, mas também a Sua justiça. Mesmo porque, no meu entender, amor e justiça são dois atributos da Divindade, e, por isso, são inseparáveis.

²¹ Ver Gênesis 3: 17

²² WHITE, Ellen G. *O Desejado de Todas as Nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990, págs. 761 e 762.

²³ WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988, pág. 505.

Revelações preliminares

“Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu.”²⁴

Esse foi o primeiro gesto de Deus no sentido de Se revelar ao homem, a fim de atraí-lo de volta para Si. Se Deus fez para o homem e sua mulher vestimentas de peles, então um animal teve de morrer para que o homem pudesse viver. Assim, Deus estava demonstrando, na prática, que as vítimas do pecado receberiam tratamento diferente do que receberá o seu causador. Estava mostrando como lidaria com o problema do pecado até que ele venha a ser finalmente extinto do Universo. A primeira lição que o homem deveria aprender com a morte do animal é que ele, o homem, podia, se assim o desejasse, ser substituído ao invés de ter de morrer por causa do seu pecado. Com relação ao primeiro animal morto em lugar do homem, temos a seguinte informação:

“Enquanto olhava para a vítima ensangüentada, debatendo-se na agonia da morte,” Adão “deveria contemplar pela fé o Filho de Deus, a quem a vítima prefigurava”.²⁵

Então, aquele animal, que embora fosse inocente precisou morrer para que o homem pudesse viver, era um tipo ou um símbolo de Cristo que, embora nunca tenha cometido um único pecado, em solidariedade ao ser humano, Se fez culpado e, por isso, morreu em lugar dos pecadores.

Mas, voltando ao assunto do pecado do homem, quer dizer, de Adão, embora o animal tenha morrido para que ele continuasse a viver, mais tarde Adão acabou morrendo, a despeito daquele e de muitos outros animais terem morrido em seu lugar.

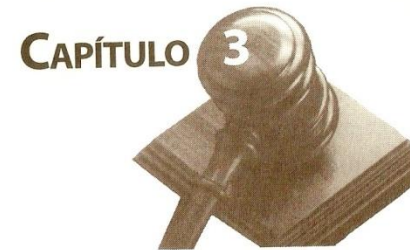
Veja bem, Adão pecou por influência da mulher, a mulher, por

²⁴ Gênesis 3: 21

²⁵ WHITE, Ellen G. *A Verdade Sobre os Anjos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001, pág. 61.

JOSÉ PEREIRA

influência do Diabo; não obstante, embora tenha sido o Diabo quem pecara por uma escolha exclusivamente sua, quem passou a sofrer a morte como consequência do pecado foi o homem e sua descendência, enquanto o Diabo continua vivo até hoje! Sendo a morte a consequência imediata do pecado, é curioso que o primeiro pecador do Universo, aquele que pecou por uma escolha exclusivamente sua, sequer fique doente! Onde estão a *justiça* e o *direito* que são a base do governo de Deus? Caso você não desista da leitura deste livro, vai encontrar a resposta para esta pergunta intrigante.



DEMORA OU UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA?

Ao viajar de ônibus certo dia, de São Paulo, capital, para a cidade de Tatuí, no interior do Estado, sentei-me ao lado de um cidadão, que de início me pareceu uma pessoa um pouco estranha.

Eu estava corrigindo o texto de um livro que acabara de escrever. Olhando indiretamente o conteúdo do livro que eu corrigia, perguntou-me aquele senhor: “Você é crente?” Sim, eu creio em Deus, respondi! Então ele retrucou: “Não gosto de Deus!” E antes que eu lhe dissesse qualquer coisa, acrescentou: “Veja, por exemplo, a questão da violência, dos atentados terroristas, das guerras, a corrupção que campeia solta entre os políticos... etc. Se é que Deus existe, acho que Ele abandonou esse mundo!”, disse ele em um tom de revolta.

Pelo fato de falar como se estivesse revoltado com Deus e com a vida, tentei acalmá-lo dizendo que Deus não nos abandonou e que um dia Ele vai interferir na história do mundo para colocar um ponto final em todos os problemas que hoje afligem a humanidade. Ainda inconformado, ele disse: “Deus está demorando demais a tomar essa providência. Desde que nasci ouço essa história e até hoje nada aconteceu!”, desabafou ele. Em cada palavra que pronunciava, era notório a sua revolta com tudo e com todos.

Sabe, pensando bem, acho que aquele cidadão tem as suas razões para pensar dessa forma. Porque, de fato, quando pensamos que o Diabo é o autor de todas as tragédias, até porque é ele o autor do pecado, sentimos realmente uma sensação não só de demora e de aban-